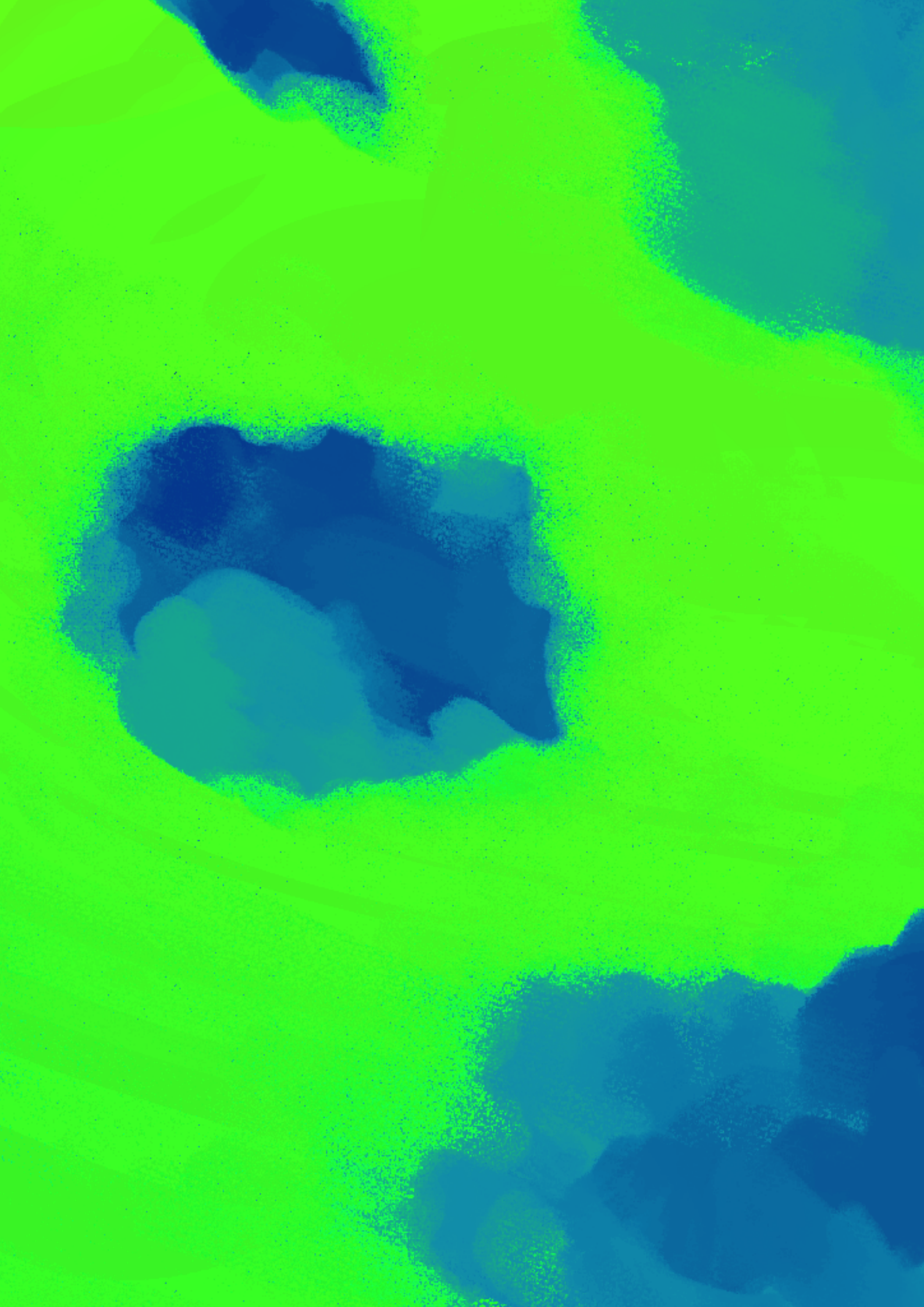




VOARÉ PRECISO

NEREU LEME





VOAR É
PRECISO

Voar é preciso

Nereu Leme

© Nereu Leme, 2025
Todos os direitos reservados.

Guararema, 2025

Projeto gráfico: Mariana Leme
Revisão: Nereu Leme
Diagramação: Canva

Contato: nereu.leme@gmail.com

Este livro foi realizado com recursos da Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura - PNAB com apoio da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Guararema, realizado pelo Ministério da Cultura do Governo Federal por meio do Edital 05/2024 - SELEÇÃO DE PROJETOS CULTURAIS.

VOARÉ PRECISO

NEREU LEME

0

GUARAREMA FANTÁSTICA

VOAR

Vontade de voar.

Carlinhos sempre teve vontade de voar.

Bater asas e sair por aí, vendo tudo de cima. Casas, pessoas, florestas e animais.

Uma visão do ALTO

Um dia contou seu desejo para a mãe, Antonieta.

- Mãe, você acha que eu consigo voar?

Ela respondeu:

- Talvez. Nada é impossível neste mundo. Voar é possível. Sonhar é preciso — disse Antonieta.

À noite, Carlinhos foi dormir pensando nisso. E sonhou. Sonhou que estava voando.

De repente, acordou com o barulho do vento abrindo a janela de seu quarto.

fuuu... fuuu... fuuu...

Sentou-se na cama e levou as mãos ao rosto. Macias como uma pluma. Percebeu que não tinha mãos e sim asas.

Seu desejo fora realizado.

Feliz da vida, bateu asas e voou.

E saiu contando histórias pelo caminho, digo, pelos céus.

1

ALCANÇAR O CÉU

UM

DOIS

TRÊS

Comecei minha jornada por Freguesia da Escada.
Uma vila de Guararema onde tudo começou, em 1650.

Onde ainda existe a igreja Nossa Senhora da Escada, feita de taipa de pilão, a única Igreja do Brasil que possui a imagem de São Longuinho no altar, conhecido popularmente como o Santo dos objetos perdidos. Aquele dos três pulinhos.

- São Longuinho,
me ajude
a encontrar
o caminho
aqui do alto.

Ali se desenvolveu a lenda indígena da escada para alcançar o céu. Claro que com a ajuda de Nossa Senhora da Escada. Ou comigo, voando até quase alcançar o céu.

Aliás, quem construiu a escada em frente à igreja, que dá acesso à praça Salvador Lemes Cardoso, estava mesmo querendo alcançar o céu. Daqui de cima, as pedras da escada parecem pequenas, mas lá embaixo, pode-se constatar que elas são enormes. Um degrau de uma escada comum tem entre 16 e 18 centímetros. Os degraus da escada da praça têm 23 centímetros de altura por 1,18 metro de comprimento, cada pedra. Difíceis para uma pessoa subir ou descer.

Nessa praça, em frente à igreja, contam também que existia uma figueira que era a **Árvore dos Namorados** Enam♥rad♥s. Mas, vejo aqui do alto que ela não existe mais.

Conheci nesse local, o Grupo de Dança Folclórica Moçambique e seu Mestre, Angelino Selzzo, de 70 anos, que, como ele mesmo se define, um “quase anjo, quase santo”.

Compôs uma música, modinha, para o grupo dançar Moçambique, inspirada em São Longuinho,

♪ São Longuinho...

A letra diz:

*Glorioso São Longuinho
O Moçambique eu vou dançar
Muitas coisas perdidas
O Senhor pra mim vai achar
Por isso, eu danço e canto
Saudando o Senhor
E três pulinhos nós vamos p u l a r .*

Depois de ver a igreja de cima, atravessei a ponte Miguel de Noce sobre o rio Paraíba do Sul em direção ao centro da cidade, onde fica a  matriz, seguindo pela rua Admeleto Gasparini, que, pela beleza de seu trajeto, todo arborizado, calmo e pouco habitado, parece uma Rota Romântica, mesmo sem a Figueira dos Namorados.

Passando pelo rio, que corta a cidade toda e deságua no Rio de Janeiro, ouvi histórias de pescadores. Um deles me contou a seguinte história:

- Pesquei uma tartaruga, e ela me levou rio acima até próximo da capela Nossa Senhora D'Ajuda. Uma ajuda e tanto para um pescador que não sabe nadar.

Outro, disse que pescou uma tilápia de 20 quilos. Dá para acreditar?

Segui voando e anotando essas belas histórias na minha mente.

2



CASA DA BRUXA

~~PROIBIDO~~

Logo à frente, deixando o rio para trás e entrando na rua Admeleto Gasparini, vi uma casa abandonada onde dizem que morou uma bruxa▲.

Proibido entra!

Assim mesmo, escrito errado. Já que o certo seria “proibido entrar”. Ou melhor ainda, “é proibido entrar”.

Mas dá para entender, como “afaste-se”, “fique longe”. Não entre! 🧟

A frase, pintada com cal ou alguma tinta branca, está impregnada na parede de tijolos à vista, numa casinha abandonada há muito tempo na beira da estrada.

Coberta de mato e com o telhado em frangalhos, indica que nela não mora ninguém. Ou pelo menos não se trata de uma habitação regular.

Quem morou ou moraria numa casinha dessas?

Os moradores que passavam por lá uns 15 anos atrás, e ainda passam hoje em dia, ficam assustados com a condição e localização da casinha.

Todos ficam impressionados quando dizem que ali foi a casa de uma bruxa. Uma história folclórica, uma lenda de Guararema.

Há 20 anos, a casinha já tinha uma história intrigante.

Contam antigos moradores da cidade que, certa vez, jogando bola na rua, um menino entrou no quintal da casinha para resgatar uma bola extraviada.

Ainda não havia a advertência "proibido entra", escrita mais recentemente.

Todos os garotos morriam de medo de entrar no quintal dominado pelo mato e pela sombra de árvores sinistras.

Mesmo assim, o garoto fechou os olhos e entrou. Afinal, a bola precisava ser resgatada.

Ele colocou a bola de capotão, como se chamavam as bolas de futebol na época, embaixo da camiseta e saiu Tateando por entre os arbustos, ainda de olhos fechados.

Foi quando ouviu uma gargalhada sinistra. Instintivamente, olhou para dentro da casa pela janela. Viu uma velha pendurada no teto da casinha, de ponta-cabeça, como se fosse um morcego.

Todos os meninos correram apavorados e nunca mais jogaram bola naquele trecho da rua.

Será que a bruxa ainda mora lá? Passei voando de medo.

3



AVE FANTASMA

F000001

F000001

F000001

Um pouco mais adiante, perto do Residencial Terras da Freguesia, fiquei sabendo de uma história de arrepiar: sobre uma *Ave fantasma*.

Não se assuste com esse nome! Afinal, trata-se apenas de um pássaro. Que Hitchcock não nos ouça. Ele dirigiu um filme clássico chamado Os Pássaros, que atacavam as pessoas.

No entanto, se você não tem nervos de aço, não queira ouvir o canto dessa ave na calada da noite.

Dizem que é impressionante. *A r r , a r r r*.

Um morador desse condomínio ouviu um canto estranho e apavorante certa madrugada. E, não eram os passarinhos que também cantam à noite como a Coruja, a Cotovia, o Melro e o Sabiá.

Era um lamento, alguém passando mal ou pedindo socorro. *S.O.S!*

Apavorante. De *a r r e p i a r*!

O morador até saiu na rua para tentar identificar o barulho. Como era de madrugada, disse que não havia nada, nem ninguém, do lado de fora de sua casa. Todos os demais vizinhos estavam dormindo em silêncio.

Alguns dias depois, outro morador também ouviu o mesmo canto sinistro e conseguiu gravá-lo. Mandou para um parente ornitólogo, um profissional especializado em aves, que matou a charada. Isso mesmo, como pesquisei no dicionário. O ornitólogo existe.

Trata-se da “ave fantasma” ou Urutau. Também chamada de mãe-da-lua (porque canta sempre que tem lua cheia) e emenda-toco porque se disfarça de tronco de árvore.

Fantasma porque ela se camufla de tal forma para enganar seus predadores que parece invisível. Dorme de dia, como a Coruja, e sai à noite para caçar insetos e cantar.

Cantar na sua língua, claro. Porque para nós humanos, está mais para uma manifestação melancólica ou um lamento de um filme de terror.

Lenda ou verdade, essa, no entanto, é uma ave rara.

Não se encontra em qualquer lugar. Só habita florestas ou grandes matas de preservação, como a área verde, trecho preservado da Mata Atlântica, que fica nos fundos do residencial, ladeando uma parte do condomínio.

O urutau-comum é tido como nobre pelos moradores rurais por simbolizar força e pela forma como se protege dos perigos e dos predadores. A ave, por sua vocalização bizarra, figura entre várias lendas. Segundo os sertanejos, o urutau aparece quando a lua nasce e seu canto triste se assemelha a “foi, foi, foi...”. Uma lenda diz que o pássaro seria uma mulher que perdera seu amor. Por isso, ele teria o nome de pássaro-fantasma. Outros dizem que o canto da ave é um mau presságio.

Também já ganhou o apelido de Camaleão dos Céus.

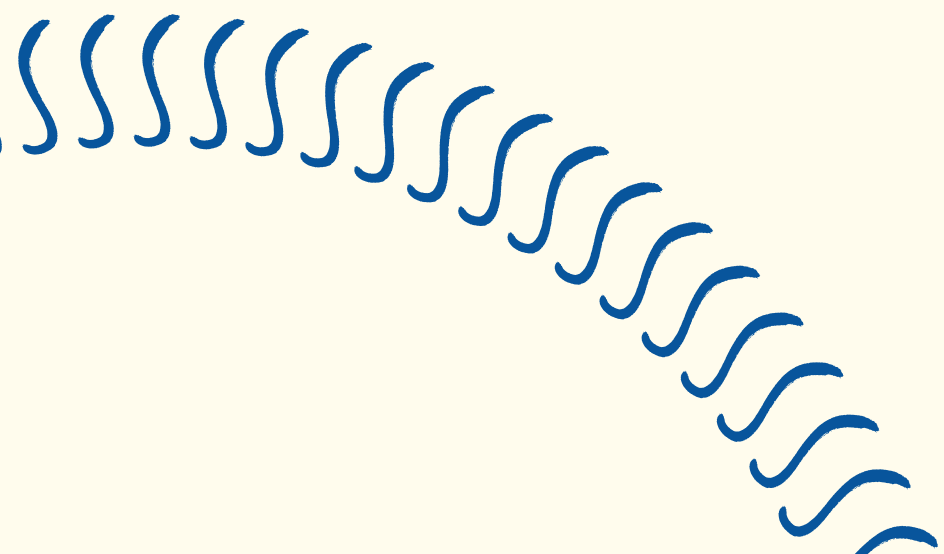
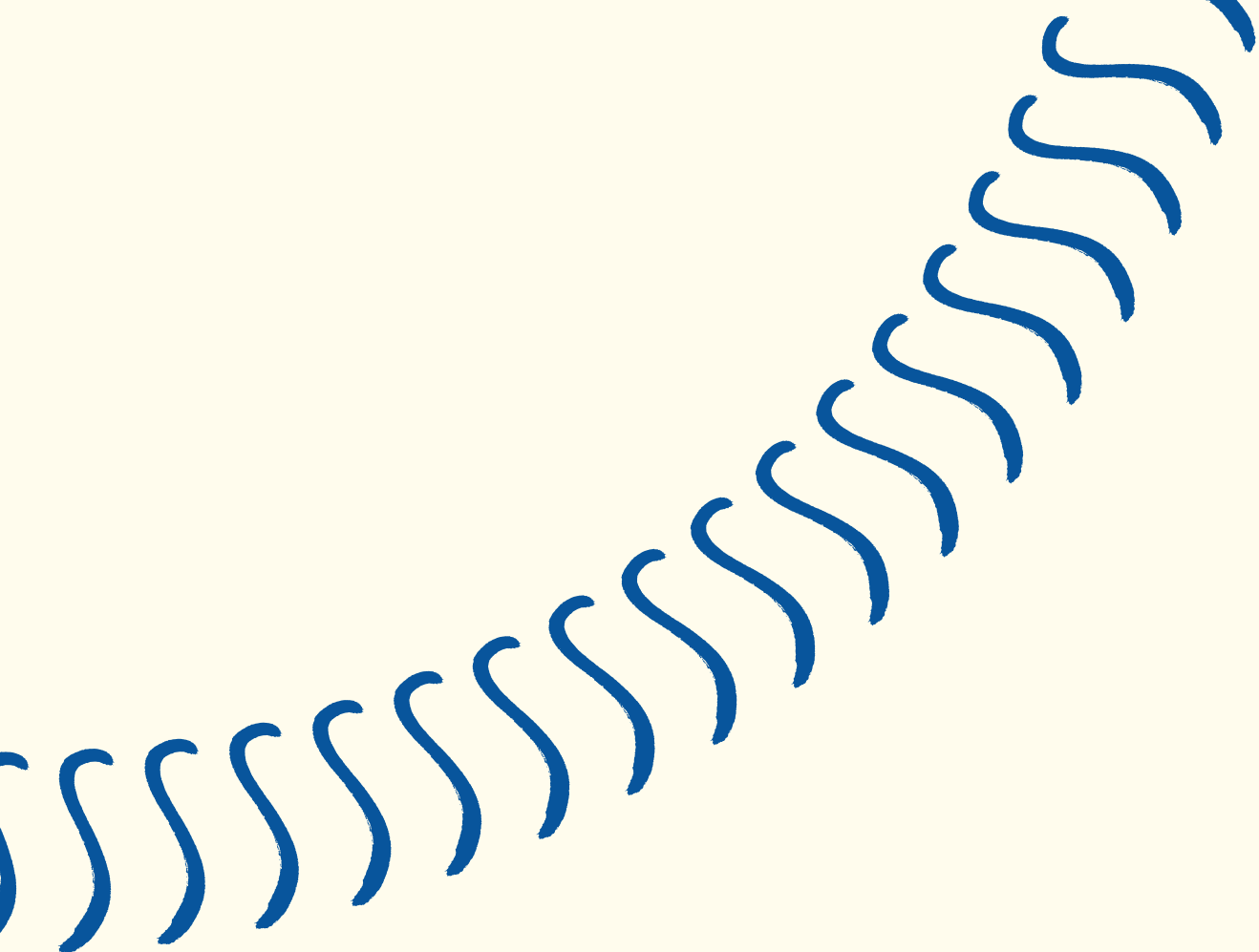
O urutau é encontrado praticamente em toda a América do Sul, até parte da América Central, na Mata Atlântica, Amazônia e Cerrado. No entanto, segundo especialistas, a ave é adaptável. Onde há área florestada, ela consegue viver, exceto em regiões muito frias.

Cuidado com a lua cheia! Caí fora.

4



COBRA-CIPÓ



Na mesma rua Admeleto Gasparini, perto da nova ponte sobre o rio Paraíba do Sul, outra surpresa me aguardava. Será que vou me assustar novamente?

Contam que, nesse trecho, um barulho sinistro despertou a atenção de uma pessoa que caminhava pela rua, numa manhã de inverno.

Um barulho sibilante, agudo e prolongado, com um toque metálico envolvente. Como se algum objeto grande e pesado tivesse caído repentinamente no meio das árvores, rasgando a mata e iluminando o tronco dos eucaliptos e sibipirunas.

Nesse trecho do bairro do Itaóca, a rua é ladeada por grandes árvores. Ladeada mesmo, de ambos os lados. Eucaliptos enormes, à direita, barram a luz do sol deixando passar apenas brilhantes flashes eventuais, criando uma atmosfera noir de mistério.

O caminhante olhou de soslaio, um olhar de rabo de olho displicente, e tomou um susto.

- Minha nossa! Uma cobra enrolada no tronco da árvore me encarava clinicamente, como se estivesse estudando meus movimentos.

Deu um passo para trás para observar melhor e se preparar para um eventual ataque. Pegou uma pedra no chão para espantar o réptil, mas, de repente, a cobra sumiu no ar, por trás de um nevoeiro que foi se dissipando magicamente.

Procurou a cobra, e nada.

Na árvore havia apenas um cipó enrolado. Afinal, era uma cobra ou um cipó?

O caminhante não tem dúvidas de que era uma cobra, com um olho brilhante que se expandia e se ampliava como uma lente fotográfica de aproximação. Ou ela desapareceu no ar como num passe de mágica, ou se transmutou em cipó, metamorfose disfarçada pelo nevoeiro intruso.

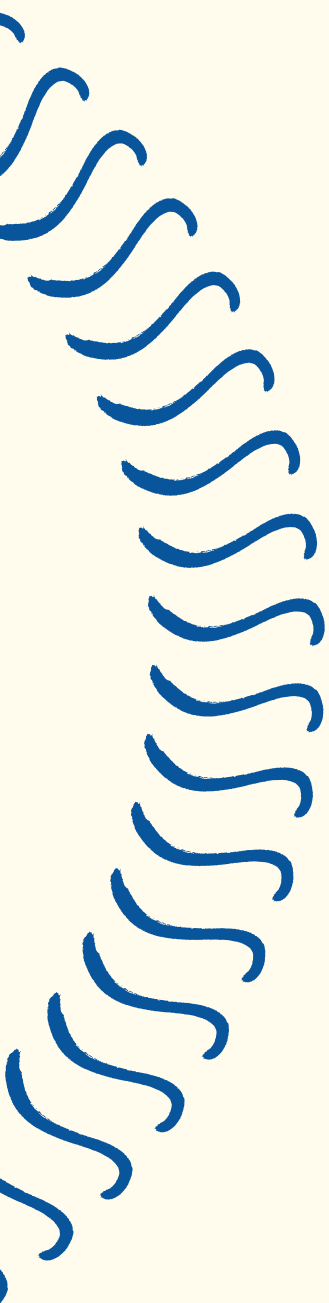
Pensei: isso é coisa de caipira. Coisa do mato.



No meio da estrada cercada de eucaliptos e cipós, o caminhante foi embora assustado. Mas, antes, vasculhou todas as árvores ao redor. Só cipó.

Mas, eu vi lá do alto, que um dos cipós tem uma cabeça, como a cabeça de uma cobra de verdade.

Só isso. Nada mais! Será? Eu acredito.



5



FLORESTA MÁGICA

QUARESMEIRA

SIBIPIRUNA

JACARANDÁ

MANACÁ

IPÊ

Continuei voando em direção à cidade, seguindo ainda pela rua Admeleto Gasparini, uma rua com seis quilômetros, que mais parece uma estrada. Aliás, antes de virar rua, a Admeleto Gasparini era uma estrada municipal, como tantas que ainda existem em Guararema.

Depois de passar por vários condomínios pelo bairro do Itaóca, finalmente encontrei uma história boa, uma Floresta Encantada, verdadeiramente mágica, fantástica.

Voando em zigue-zague pelo caminho tortuoso, notei que as árvores me enviavam mensagens, abaixando-se e levantando-se, como se estivessem dançando ou tentando me contar algum segredo.

Nessa floresta, algumas árvores se destacam pela aL^TUR^A. Esticam o pescoço em direção ao céu, e se esgueiram entre outros galhos como em uma corrida de resistência, em busca de um raio de sol.

Outras resplandecem pelo tamanho das copas, uma espécie de cartola de mágico que vai flutuando ao toque de uma varinha de condão, ganhando espaço e acotovelando outras árvores que estão ao lado, para reinar nesse pedaço de universo.

Elas cantam e dançam durante vendavais e chuvas. Assobiam ao toque de uma leve brisa, balançam e se sacodem sob ventos fortes.

Tomam conta do caminho, na rua Admeleto Gasparini.

Mas, é num trecho sinuoso e cheio de altos e baixos que essas árvores imperam, e onde vivem fadas e duendes.

De um lado, o curvilíneo rio Paraíba do Sul, escondido atrás das árvores de sua margem. Do outro lado da estrada, a floresta das árvores mágicas. Com suas Ipês, Manacás, Quaresmeiras, Sibipirunas e Jacarandás, flora característica da Mata Atlântica, com trechos de preservação que ainda existem em Guararema.

O caminho, igualmente surpreendente, prega peças nos desavisados, inocentes joguetes nas peripécias imaginárias da natureza espirituosa, das fadas e duendes invisíveis aos incrédulos. Eu mesmo, lá do alto, fiquei intrigado.

Na metade da rua, avenida ou estrada que se move, como um tapete de borracha ou uma ponte de madeira tremulante sobre uma ravina, as próprias casas começam a se moldar ao esquisito trecho especial, e a preparar o olhar dos visionários caminhantes. Algumas moradias pintam o muro de verde. Outras, plantam trepadeiras, simulando vegetação nativa, atraindo o clima da floresta viva.

Na primeira curva, uma subida íngreme desvenda as primeiras árvores. O verde, cheio de nuances e brilhos, que foi se impondo no horizonte, abraça o céu acima de nossas cabeças, espremendo as nuvens e afunilando a estrada movediça abaixo, ao seu bel prazer.

À medida que o caminhante inicia a subida, notei que as árvores se agacham, dançam e zombam dos olhares perplexos diante da magia verde.

Ilusão de ótica? Talvez. Mas, como disse o famoso escritor russo Leon Tolstói, “Há quem passe pela floresta e só veja lenha para sua fogueira”. Eu vejo mágica.

E a brincadeira ilusória continua.

A estrada movediça, espremida pelas árvores dos dois lados, começa a se movimentar como um dragão chinês, empurrando as árvores e abrindo caminho para o caminhante desconfiado visualizar a continuidade do asfalto.

Vencida a subida, uma longa descida se descortina, terminando num funil do piso negro de asfalto, sufocado pelas folhagens.

O caminho é mais tranquilo na descida. O caminhante faz menos esforço. Se regozija, aliviado com a possibilidade de relaxar. Acima, as árvores que se agacharam na subida, agora esticam seus pescoços até se perderem de vista. A cada passo, ladeira abaixo, as árvores sobem proporcionalmente, balançando a cabeça ou seus galhos.

Abaixo, o asfalto continua abrindo caminho a duras penas, e se desvencilhando das folhagens que o envolvem num apertado abraço.

Caminhando e dançando, a estrada movediça segue seu curso cheio de curvas, subidas e descidas, até chegar ao Buraco da Onça, na esquina da rua Sílvio Usier, uma outra lenda de Guararema.

A história estava tão boa até aqui, e agora vem uma onça me infernizar. Mas, no final da história, toda floresta é mágica, apenas por existir.

E eu, voando sobre essa linda floresta, já estou contente, mesmo tendo que enfrentar a onça lá na frente. E outras histórias bizarras. Dizem, por exemplo, que nessa floresta já apareceram lobisomens e até ETs, seres extraterrestres. Prefiro a onça, cuja história encontrei mais à frente.

6



O BURACO DA ONÇA

GRRR
GRRR
GR

A onça parou para beber água. Uma, duas. Várias vezes.

Quem passava por esse trecho da rua Admeleto Gasparini jura que via dois olhinhos da onça brilhando entre as folhagens. Ainda hoje, dizem que essa onça continua andando por aí.

Passei voando, no sentido literal da palavra, por essa esquina maluca.

Por causa da visitação constante da onça, esse local ganhou o nome de Buraco da Onça. E se tornou uma referência de indicação de caminho para os moradores da região.

Essa onça passou a frequentar o lugar porque na confluência das ruas Admeleto Gasparini e Silvio Usier, as águas que descem da Floresta Mágica e dos morros ao redor, formam um poço onde vários animais costumam beber água.

Nas tardes de dias quentes, o pocinho fica cheio de lagartos, cobras, capivaras e passarinhos, como o sabiá-laranjeira, sanhaços, pardais, andorinhas e bem-te-vis, que convivem harmoniosamente por um motivo especial: precisam beber para sobreviver.

Segundo a lenda, teve gente que até já desfrutou da companhia da onça. Antigos moradores contam que um homem, voltando da cidade para sua casa nas imediações, errou o caminho da rua, numa noite escura e caiu no buraco da onça. Cansado e machucado pela queda, ele acabou dormindo ao lado do pocinho. zzzzz zzz

No dia seguinte, amigos e familiares o tiraram do buraco e brincando com a situação, dizem que ele dormiu com a onça.

Pode ser apenas brincadeira. Mas, eles garantem que o homem saiu do buraco com um tremendo “bafo de onça”.

7



O REI MUDO

ROARRRR

Nas margens do Paraíba do Sul, depois do buraco da onça, vi uma família de Capivaras que normalmente passeia pelas matas da região. Andavam ordeiramente, em fila indiana, como se obedecessem às ordens da líder da floresta.

Essa imagem, me lembrou uma história altruísta de um outro líder, que eu vou contar para vocês, onde o mundo animal imita o mundo real com intrigas, inveja, luta por poder e até golpe de estado. Qualquer semelhança com a realidade não é mera coincidência.

É a história que eu, Menino Passarinho, mais gosto.

Num reino, não muito distante do nosso mundo e nem muito diferente, vivia um majestoso Leão. Mas, ele não nasceu nesse lugar. Veio de terras distantes, além-mar, do continente africano, onde nascem os leões.

Foi enviado para ser o Rei da Floresta Tropical, recém-descoberta no Novo Mundo. Floresta que para mim poderia ser a Amazônia ou mesmo nossa floresta mágica de Guararema. Sua missão? Colocar ordem na casa. Implantar na Floresta Tropical as leis e regras da boa convivência social, costumes antigos e respeitados que Rei Leão aprendeu em sua terra, durante anos de estudos com o objetivo de se tornar um dirigente justo.

Ficou surpreso com a nova casa. Oh!

A Floresta estava um tanto bagunçada quando ele chegou discretamente para não causar alvoroço. Seus habitantes desenvolveram certos costumes e foro privilegiado por prerrogativa de raça. Como os predadores onça-parda, a hiena e jacaré do papo amarelo que caçavam para se alimentar, mas, às vezes, matavam por puro prazer. Isso deixava alguns bichos revoltados. No entanto, apesar das constantes reclamações, a coruja do Conselho Animal, uma espécie de suprema corte, sempre alegava presunção de inocência:

- Não, não, não. Ele é inocente.

Ou, então, mandava soltar os amigos presos, como fez com a hiena e o sapo, ao revogar os entendimentos da corte sobre prisão após condenação em segunda instância. Parte dos bichos fez até passeata de protesto, mas, de nada adiantou. O sapo e a hiena saíram passeando de mãos dadas.

Por isso, chamaram um Rei de outras terras, totalmente isento, cujas ordens deveriam ser incontestáveis. O Rei Leão Felipe I.

Outros privilégios também deveriam ser alterados, como o fato dos macacos-prego, também chamados de micos de topete, irrequieten e barulhentos, colherem todas as bananas verdes e escondê-las até amadurecerem. Com isso, eles dominavam o comércio de bananas e só as doavam para seus amigos e aliados. Um verdadeiro truste animal.

Essa espécie de suborno, por exemplo, atingia os passarinhos, que comem frutas e depois expelem suas sementes junto com o cocô, adubando a terra onde a semente caí. Agora, eles somente semeavam onde os macacos mandavam, em troca de banana. Ou seja, perto de suas moradias, criando assim mais frutas à sua disposição, e dessa forma, alimentando a corrupção.

O sapo do brejo também não era um vizinho dos mais queridos pela bicharada. Ficava até tarde da noite cantando e coaxando na lagoa do seu sítio. Era um barulho irritante que não deixava os moradores dormirem direito. Na floresta, ainda não havia lei do silêncio. *Go, go, go.*

Por esses pequenos exemplos, dá para imaginar o trabalho que o Rei Leão teria em seu reinado tropical.

A Floresta, apesar desses desmandos, era exuberante, com a maior biodiversidade do planeta, ou mais de 55 mil tipos de plantas diferentes, equivalente a algo em torno de 25% dos tipos de plantas existentes em todo o planeta. Ou seja, não podia ser relegada a uma ocupação predatória.

Nela existiam há muitos anos, algumas centenárias, árvores como o Jacarandá Copaia, *Anacardium Giganteum*, popularmente conhecida por Caguaçu, *Carapa Guianensis*, *Bagassa Guianensis*, um exemplar de grande porte, que chega a atingir 50 metros de altura, a *Manikara Huberi* ou Maçaranduba, que também atinge 50 metros de altura, entre outras maravilhosas espécies de madeiras de lei.

Animais, então, nem se fala. Muitos, muitos animais. Onça pintada, anta, lobo-guará, veado, capivara, lontra e tatu são os mamíferos mais conhecidos, além das muitas espécies de primatas. Distintas variedades de jacarés, tartarugas e cobras, como a cascavel, a jararaca e a sucuri. Macacos, tamanduás, sapos, borboletas, pássaros de várias espécies, como a belíssima arara azul, papagaios, araras, maritacas, garças, tucanos, pardais, gaviões, corujas. Para completar esta rede, insetos como abelhas, vespas, besouros, cupins e formigas, além de mosquitos, e todo tipo de peixes. Entre eles, tucunarés, surubins, piranhas, jaús e tambaquis, peixe-boi, pirarucu, pintado, traíra, pacu, corvina, cavala, lambari e dourado.

A Floresta Tropical realmente abrigava uma grande biodiversidade, e o Rei Leão estufou o peito de orgulho em poder administrar essa floresta considerada um pulmão verde do mundo.

Tudo na Floresta tinha sua razão de existir. Até as formigas que fazem buracos na terra, facilitando o crescimento das raízes das árvores. Como as minhocas que deixam a terra mais fofinha para as plantas buscarem suas energias na terra misturada com os restos das folhas que viram adubo.

Logo o Rei Leão começou a dar ordens e distribuir tarefas. Cada um deveria fazer sua parte no trabalho de preservar as belezas naturais do lugar e garantir a boa convivência entre as espécies.

Todos passaram a se dedicar aos afazeres da Floresta Tropical e realizar sua parte nas tarefas do dia a dia.

O passarinho passou a distribuir sementes de árvores e flores nativas para garantir o reflorestamento e a preservação das espécies em toda a extensão do Reino. Os barulhentos macacos a pular de árvore em árvore, limpando os galhos secos e assim, permitindo que novos galhos, bonitos e viçosos, surgissem na floresta. Eles também se encarregam, a partir de agora, de comer as frutas e jogar fora o caroço, que é a semente que vai se transformar em outra árvore.

As abelhas providenciam a polinização das flores. Polinização é o transporte de pólen (pozinho contido nas pétalas das flores) através do vento e de outros seres vivos, como as abelhas, besouros, borboletas, e aves. O pólen da parte masculina da flor (antera) é transportado para a parte feminina (estigma), realizando a reprodução vegetal.

As minhocas passaram então a trabalhar arduamente andando por dentro da terra, fazendo com que ela fique bem fofinha, para facilitar a penetração das raízes e para produzir o húmus, matéria orgânica do solo resultado da decomposição de elementos como plantas, folhas, raízes, minhocas, formigas, cupins, bactérias e fungos.

Formigas, o bicho-preguiça, lobos, jacarés, e até mesmo as cobras como a sucuri e a temível cascavel, que habitam essa linda Floresta, passaram a desempenhar, cada um, uma tarefa bem definida, nem que fosse aquela de comer outros bichos (como o jacaré e a cobra), para garantir o equilíbrio ecológico, ou seja, não existir mais animais de uma espécie do que de outra. O jacaré, por exemplo, come o excesso de peixes, principalmente o excesso de piranhas, peixe que come outros peixes menores.

Até a formiga, que a gente acha que só serve para cortar as folhas das plantas, tem sua função ecológica. Ela cava pequenos túneis por baixo da terra que abrem caminho para as raízes das árvores e facilitam a irrigação do solo pela água das chuvas.

Todos os elementos, trabalhando juntos pela sobrevivência, criam um ambiente adequado para o desenvolvimento da vida, para o crescimento da flora, que são as árvores e flores, e da fauna, que são os animais que moram nas florestas.

A VOZ DO CHEFE

Nessa Floresta, o novo habitante muito importante passou a garantir a ordem, a paz e a harmonia. Rei Leão Felipe I, tornou-se, então, uma espécie de chefe da floresta. E ele passou a desempenhar com muita energia e seriedade sua dura tarefa.

Todo dia, ao nascer do sol ele se levanta, se espreguiça e vai para o topo da montanha mais alta, cumprir sua missão incansável: rugir bem forte para acordar todos os outros bichos e anunciar o início de um novo dia de trabalho.

Para fazer isso, ele solta seu longo e alto rugido:

- Roarrrr, roarrrr. Acordem seus bichos. Vamos trabalhar!

Às vezes, os bichos até se assustavam com tamanho barulho do novo chefe, Felipe I. Uma vez, o macaco se agarrou pelo rabo quando ia caindo do galho onde dormia, e um peixinho quase pulou para fora da água.

Outros bichos tinham medo do rugido do Leão e, por isso, num belo dia de sol, enquanto seu Rei Leão Felipe I dormia, o bicho-preguiça convocou uma reunião de toda a bicharada.

Inflamados pela preguiça, pelo sapo e pelo esperto macaco-prego, chegaram à conclusão de que deveriam encontrar uma forma de fazer o Leão parar de rugir todo dia cedo. A saída foi pedir a ajuda da Bruxa má.

Ela então preparou uma poção mágica que Felipe I deveria beber.

Os bichos encarregaram o passarinho de jogar a poção no lago, onde todo dia, no final da tarde, o Leão ia beber água. E assim foi feito.

No dia seguinte, depois de mais uma árdua jornada de trabalho, o rei Leão foi ao lago. Bebeu longos goles de água, sem saber que essa água continha uma poção mágica, e foi dormir.

Quando o rei Leão acordou em sua caverna ao lado da montanha, logo cedinho, se espreguiçou e foi para o ponto mais alto da montanha, como fazia sempre, ao raiar do dia.

Abriu sua grande boca para soltar seu temido rugido. Porém, nesse momento, não saiu nenhum som de sua boca. Ele tentou novamente: respirou fundo, estufou o peito, abriu a boca e soltou o ar. Nada! Silêncio total. E como o leão nunca gravou sua voz, já que na floresta não tem gravador de som, rádio, celular, iPod e essas coisas, não teve alternativa. Não conseguiu resolver o problema. Sua voz não saiu!

Depois de várias tentativas frustradas, o rei Leão abaixou a juba, colocou o rabo entre as pernas e desolado e triste voltou para sua caverna. Ficou escondido em sua toca por vários dias, com muita vergonha do que tinha acontecido com ele.

O rei Leão ficou mudo! Como se tivesse sido vítima de uma espécie de lei da mordada da suprema corte.

Muitos bichos comemoraram, mas, para alguns conservadores, o complô foi um tipo de golpe de estado. Fizeram até uma eleição fraudulenta para substituir o Rei Leão. A preguiça saiu dançando de alegria, meio desengonçada, com seus passos lentos e arrastados. O macaco batia palmas. Nada mais de sustos, nem a obrigação de acordar todo dia bem cedo para trabalhar. Foi uma festa que durou até a manhã seguinte. A preguiça, por sua vez, podia agora ficar à toa, sem fazer nada. Iria dormir de sol a sol. De noite, de manhã e de tarde.

Porém, logo depois, uma comissão de bichos de outros países considerou que houve fraude na contagem dos votos. E o sapo eleito teve que renunciar.

O tempo foi passando e como os bichos já não acordavam cedo, e sem um chefe para dar ordens, o trabalho de preservação da floresta foi ficando atrasado.

Os passarinhos não conseguiam distribuir todas as sementes no mesmo dia, e elas foram se estragando. Teve até peixe que quase morreu por falta de oxigênio na água, e mudou de rio, já que os demais animais, como as antas e pacas, que tomam banho nesse local não conseguiam mais fazer a mesma movimentação de água (a aeração) no pouco tempo que tinha de trabalho durante o dia. A anta era um dos animais que mais acordaram atrasados para trabalhar. Sem peixes para comer, os jacarés fizeram uma passeata de protesto.

E assim, a floresta foi ficando velha e feia e os animais cada vez mais sem comida. As árvores frutíferas demoravam mais a crescer. O tamanduá resolveu tirar férias, e com isso, as formigas, que ele se encarregava de comer, se multiplicaram muito rapidamente e acabaram com todas as mudinhas de plantas. Com isso, as formigas começaram a dominar o cenário da floresta.

Tudo parecia um caos, uma grande confusão. Sem cuidados e sem o trabalho dos vigilantes, os papagaios e as maritacas, que sempre avisavam quando algum problema aparecia, a floresta ficou exposta aos incêndios espontâneos provocados pelo aumento do aquecimento global e alguns até criminosos.

Depois de algum tempo, alguns animais começaram a perceber que a floresta estava mudando. Estava morrendo. Ficaram preocupados. Era preciso tomar uma decisão urgente. A preguiça pensou, pensou. Demorou muito tempo, mas chegou a uma conclusão: novamente convocou a bicharada para uma reunião. Depois de muitas brigas e acusações mútuas, sobre quem era o responsável pela bagunça, resolveram chamar a Fada Madrinha para desfazer o feitiço da bruxa.

De novo, o passarinho ficou encarregado de jogar a nova poção mágica no lago. Agora, uma poção do bem.

O rei Leão, mesmo mudo, continuou seu trabalho de caçar, comer, beber água do lago e dormir. Nesse dia, não foi diferente. Depois de comer muito, sua majestade bebeu quase toda a água do lago no final da tarde e foi para a caverna dormir.

No dia seguinte, acordou como sempre junto com o nascer do sol. Se espreguiçou, e sem querer, soltou um pequeno rugido. Surpresa! Nem ele acreditou no que estava acontecendo. Parece que sua voz tinha finalmente voltado. **Viva, viva!**

Correu para o alto da montanha, estufou o peito e soltou seu famoso rugido:

- Roarrrr, roarr. Que maravilha. Minha voz saiu forte e limpa.

Então, entusiasmado, ele gritou:

- Vamos acordar pessoal. Tá na hora do trabalho. Vamos recuperar o tempo perdido e garantir a vida no nosso reino!

E assim foi feito. A floresta se recuperou e os bichos voltaram a trabalhar com amor e sem reclamar do barulho do rei Leão.

E como disse o Jabuti:

- A natureza não está a serviço da humanidade; ela tem direito de existir por si só, pois, segundo os pensadores do movimento Ecologia Profunda, “não deve haver separação entre humanos e a natureza”.

E tudo voltou ao seu lugar, até prova em contrário ou trânsito em julgado, como dizem os juristas, quando o julgamento acaba e não há mais a quem recorrer.

8



MAICÃO JACKSON
ENLOUQUECEU

AV AV AV

Passando a linha do trem e deixando a floresta mágica e o buraco da onça para trás, o panorama fica mais urbano com muitas casas e o movimento normal da cidade. E muitos cachorros de rua.

Nesse caminho, encontrei um cachorro muito diferente, por assim dizer.

Não era um cachorro louco, mas Maicão Jackson parece que pirou de vez depois que foi enganado por uma coruja, a Toda-prosa. O cachorrão ganhou esse apelido dos meninos da rua quando apareceu, pela primeira vez no bairro, magrelo e exibindo uma cabeleira escorrida nos olhos, parecendo uma peruca do tipo de cabelo que era usada pelo ex-astro pop Michael Jackson. O pobre cachorro, abandonado e faminto, tinha ainda um andar esquisito que às vezes parecia o passo de dança “Moonwalk”, aquele de deslizar para trás (backslide), do cantor falecido.

Tudo começou quando o cachorrão Maicão Jackson, às vezes chamado também de “cão-jacaré”, por causa do tamanho de sua boca, resolveu comer ou morder tudo que lhe aparecia pela frente. Sempre imaginando que fosse outra coisa.

Certa vez cortou ao meio o tronco de uma pequena árvore da rua, pensando que fosse um osso de dinossauro.

Noutra, lambeu, até ficar exausto, uma sola de sapato velho, imaginando ser um bife acebolado. Parece incrível?

Pois ele já roeu tijolo achando que era rapadura.

Também correu atrás de uma galinha imaginária e terminou abraçado com um espanador.

Um belo dia, Maicão Jackson ficou até tarde, no meio do mato, correndo atrás de um rato que pensava ser um saboroso coelho.

Mas, toda vez que ele se espreitava silenciosamente até bem perto do coelho (quer dizer rato), Toda-prosa, a coruja, piava e espantava o rato.

Cego de raiva, o cachorrão avançou para cima da coruja. Abriu o bocão e cravou dentes em tudo que apareceu entre suas mandíbulas. Achou a coruja com gosto estranho, mas se resignou.

- Talvez seja assim mesmo, pensou Maicão. Bicho feio deve ter gosto amargo e pegajoso.

Sua última refeição, teoricamente a coruja, no entanto, enjoou seu estômago de avestruz, daquelas que comem de tudo, até pedra.

Começou a sentir tonturas, a vista ficou mais embaçada do que normalmente era e o canzarrão saiu cambaleando floresta afora. Num dado momento, passou a andar apenas sobre as pernas traseiras.

Será que ele estaria imitando um homem?

Não só estava imitando, como estava se achando um homem.

Maicão Jackson assumiu que era Michael Jackson.

Em pessoa. Carne e osso. Ressuscitado.

E saiu gingando pelo bairro, de vez em quando deslizando para trás. E latindo no ritmo de Thriller e Billie Jean. Passava pelos seus amigos cães e nem olhava. Indiferente, fingia que não conhecia a Lassie descabelada, Tim Tim acanhado e toda a turma de vira-latas das redondezas.

- Ô Maicão Jackson! Não me conhece mais? — perguntava espantada a Lilli, que já tinha sido até namorada do cachorrão.

Quando Totó se aproximou e Maicão Jackson rosnou **rarararrrr** para o pequeno amigo, a cachorrada se irritou e decidiu dar uma lição no grandalhão metido a besta.

- Maicão Jackson, você ficou louco! — disse o cachorrinho Totó.

A turma toda então saiu latindo atrás do amigo, tentando morder uma de suas patas. Maicão Jackson deu um chute à la Pelé em um dos cachorros, o que provocou ainda mais a indignação da cachorrada.

Perseguiram o cachorrão com a intenção de acabar de uma vez por todas com o amigo ingrato.

Agora morrendo de medo de ser linchado, Maicão Jackson se escondeu em uma cabana velha e abandonada no meio da floresta, lá perto do local onde ele havia comido a coruja, ou tentado comer.

A cabana estava cheia de morcegos. Logo, Maicão Jackson pensou que fosse o Batman que tinha vindo para salvá-lo. A essas alturas, os moradores do local já haviam chamado a polícia para prender o cachorro louco que pensava ser um homem.

Quando começou a ser mordido pelos pequenos vampiros Maicão Jackson saiu de patas para cima, ainda andando sobre as duas patas traseiras, alardeando:

- Não me matem. Eu sou o Maicão Jackson! — e dançava e cantava um trecho da música do ex-astro pop: Billie Jean is not my lover. 

Os policiais o arrastaram para fora da cabana, deram-lhe um calmante e Maicão Jackson ficou ali, deitado na grama, embaixo de uma árvore, pensando na vida e nas suas estripulias. De repente, alguém falou com ele, de cima de um galho da árvore:

- Tá mais calminho, Maicão Jackson? — perguntou a coruja.

- Meu Deus. Estou no céu. Estou vendo a coruja que eu comi hoje cedo — retrucou o cachorro, esfregando os olhos.

Toda-prosa respondeu do alto de sua sabedoria:

- Ô Maicão Jackson. Você está louco? Ninguém me comeu não — disse a velha coruja.

- Então quem eu comi? — perguntou Maicão Jackson.

- Você comeu um sapo barrigudo que eu enfiei na sua bocarra, seu doido.

Maicão Jackson começou a se sentir enjoado de novo.

Saiu correndo feito um louco e se atirou no lago para ver se passava o gosto de sapo na sua boca.

Ficou deitado na água por dois dias, até que saiu envergonhado, cabisbaixo e foi procurar seus amigos vira-latas.

9



A LENDA DO SAPATINHO DOURADO

Tol

Tol

Chegando na cidade, perto da estação de trem, conheci a Rafaela, uma menina muito ativa, que gosta de correr, dançar e pular.

Essa menina gosta de subir nos móveis, na mesa e até nas árvores, quando está brincando com os amigos no bosque perto da sua casa. Só falta querer voar como eu.

Qualquer marca no chão serve para ela pular de uma risca até a outra, como se fosse brincadeira de amarelinha ou uma disputa atlética de salto em distância. Seu pulo, geralmente, não ultrapassa o tamanho de seu próprio pezinho. Mas, ela olha para o chão e dá muitas risadas, como se tivesse realizado uma grande façanha.

Grande, sim, para seu tamanho e desejo. Ainda não completou cinco anos e já sonha alto, em dar grandes saltos e superar a distância que o irmão mais velho pula com tanta facilidade. Quem vê, pensa! O que será que ela quer?

Nada demais, até o dia em que ganhou um sapatinho dourado da madrinha. Não a fada madrinha, mas a madrinha de batismo, que parece meio fada também.

Ao contrário dos sapatos comuns, esse veio dentro de uma caixa de madeira. As caixas de sapatos são sempre de papelão. Menos essa! O cuidado da embalagem em madeira demonstrava a estima e delicadeza do sapatinho dourado.

Rafaela nem se impressionou muito. Talvez seu desejo fosse ganhar um brinquedo, uma corda de pular, um pula-pula ou um tapete de amarelinha.

Passado o meio desapontamento, e depois de brincar com a caixa de madeira, que, para ela, parecia mais interessante que o próprio sapato, resolveu calçar o presente especial da madrinha. Serviu direitinho. E era bem confortável.

Saiu a correr com o douradinho no pé. Rodopiou, saltou. Subiu na cadeira e pulou para o chão. Ficou encantada. Parecia ter asas nos pés. Os sapatos novos a deixavam leve como uma pluma. Dava a impressão de que seu salto atingia, agora, uma distância maior.

De fato, Rafaela começou a enxergar alguma coisa nas laterais do sapatinho, toda vez que pulava alto e virava a cabeça para trás. Será que aquilo eram asas? Como as minhas?

Não teve dúvidas. Tirou os sapatinhos e começou a examiná-los minuciosamente, parte por parte. Ficou frustrada. Não viu asa nenhuma. Cansada da brincadeira, ela foi dormir.

Sonhou com o sapatinho dourado. Nesse sonho, ela fugia de um dragão, voando mais rápido que uma águia. Pudera, seu sapatinho tinha asas enormes, que se movimentavam com grande velocidade, quase como as asas de um beija-flor. Como esse pequeno pássaro, Rafaela conseguia até mesmo parar no ar, esperando o dragão se aproximar um pouquinho mais, para, em seguida, aumentar o prazer de sair voando velozmente.

No seu sonho, o dragão sempre ficava com cara de bobo e desistia da perseguição.

Ô sonho bom! zzz

Quando acordou no dia seguinte, entrou na rotina diária.

Foi se lembrar do sapatinho, muito mais tarde. Calçou seus pezinhos, meio desajeitada. E, como eles eram mágicos, nem precisou da ajuda da mãe.

Saiu pulando e voando pela casa. Aí, sim, lembrou-se do sonho. Só não havia dragão, mas o sapatinho era o mesmo, e, novamente, conseguia enxergar as asinhas dele, toda vez que pulava e virava a cabecinha para trás.

Ficou satisfeita. Viu as asas de verdade. Ela agora sabia que as asinhas existiam e que seu sapatinho era mesmo mágico, especial.

Um belo dia, teimou em usar o sapatinho na grama do quintal, mesmo após uma chuva. A grama estava molhada e cheia de poças de água.

Mas, Rafaela pensou que, se o sapato era mesmo mágico, nem ia se molhar.

De fato, o sapatinho nem sentiu a água da grama, e Rafaela começou a brincar de salto à distância. Pulava cada vez mais longe, impulsionada pelas asas do sapatinho dourado.

Ficou muito tempo correndo na grama e dando longos saltos. Até que, num descuido, pisou numa poça de água. O sapatinho dourado ficou marrom, manchado pela água suja de terra.

Rafaela sentou-se, examinou o sapato sujo e foi chorando mostrar para a mãe:

- Não se preocupe, minha filha. Vou lavar seu sapatinho e ele ficará novo em folha novamente.

A mãe lavou o sapato e o colocou no sol para secar. Erro fatal. Com o calor do sol, direto no sapato molhado, as asinhas derreteram.

Mais tarde, quando voltou a pegar os sapatos, Rafaela percebeu o que havia acontecido. Aborrecida, ficou dois dias sem calçar o sapatinho dourado. Nunca mais ia dar aqueles grandes saltos. Nem correr leve como antes.

Comentou o sucedido com a mãe, que foi logo tentando consertar a situação:

- Fique tranquila. O sapatinho continua especial. Use com fé, que você vai ver.

- Corra e pule com vontade, que a mágica vai funcionar.

Como sempre, Rafaela acreditou na mãe. Acariciou seus sapatinhos e saiu pelo quintal, correndo e pulando como se nada tivesse acontecido no dia da chuva. E funcionou. Seus saltos continuavam altos e vencendo longas distâncias. O sapatinho estava, de novo, vivo como sempre.

Em todos os saltos, Rafaela virava a cabeça para trás, para observar a ação das asinhas. Não conseguiu vê-las em ação. Será que elas tinham sido derretidas com o sol?

Foi perguntar novamente para a mãe:

- As asinhas ainda estão lá. Só que agora, estão escondidas. Você não as vê, mas elas continuam te ajudando a dar grandes saltos. É só você desejar, que a mágica se realiza.

De fato, Rafaela continuava pulando muito, com ou sem a ajuda do sapatinho. E, para ela, isso era o que importava. Pular alto e tão longe como o irmão.

E tudo se resolveu como uma brincadeira! Ainda bem. **UFA!**

10



ESTAÇÃO DE TREM

PIViiiiiii

CHOQ CHOQ

PIViiiiiii

CHOQ CHOQ

Voando mais um pouco, até chegar à estação de trem de Guararema, encontrei outra menina, que estava puxando um barbante com uma fileira de latinhas amarradas, como se fosse um trem. Os amiguinhos a chamavam carinhosamente de Maria Locomotiva.

Ela ganhou esse apelido porque gostava de brincar de trem, em que ela própria era a locomotiva que puxava os vagões, ou latinhas.

E tinha muita vontade de andar de trem e ir até a estação de Luís Carlos, bairro turístico de Guararema, para onde eu quero ir, voando, nesta minha jornada aventureira.

A menina pintou cuidadosamente todas as latinhas e ficou expondo seu trem nessa estação. Um dia, uma moradora ficou com pena dela e pagou sua passagem de trem até Luís Carlos, quando ela finalmente realizou seu sonho de andar num verdadeiro trem.

E aí, fui voando sobre o trem, acompanhando a aventura da Maria Locomotiva.

8

MUDANÇA DE RUMO

WHOOSH

WHOOSH

WHOOSH

E, depois de voar sobre a cidade e conhecer histórias incríveis, cheguei à estação da vila de Luís Carlos, construída em novembro de 1914 pelo engenheiro e poeta, membro da Academia Brasileira de Letras, Luís Carlos da Fonseca Monteiro de Barros.

Lá, conheci a Velha Senhora, a locomotiva a vapor Mogul 353, uma raridade que faz a linha entre Guararema e Luís Carlos. Essa linha é a única em operação regular do Estado de São Paulo com trem a vapor restaurado.

Desci para a terra e, como não preciso mais voar, porque já coletei histórias suficientes para escrever um livro sobre as belezas de minha cidade, sentei-me no banco da praça e acabei virando um narrador, um contador de histórias, um escritor.

E estou voando baixo. Ou melhor, não preciso mais voar.

Agora posso sonhar e contar belas histórias.

FIM

VOAR É PRECISO

NEREU LEME



Nereu Leme é escritor, contador de histórias e jornalista com ampla trajetória na comunicação e na literatura. Autor do livro *Histórias de Felipe* e fundador do blog colaborativo *Contando História*, reúne décadas de experiência em redação, edição e media training. Atuou como repórter e editor em veículos como Folha de S.Paulo, O Estado de S. Paulo, TV Globo e G1.

Também é autor de livros-reportagem sobre expedições culturais pelo Brasil e pelas Américas.

Agora, lança este livro como parte do projeto *Guararema Fantástica – Lendas em Realidade Virtual*, que combina literatura e tecnologia para criar uma experiência inédita de imersão em realidade virtual.

